

## O FILME AZALI E O TWITTER: lugares de produção do corpo da mulher negra

ADEUMA SILVA DIAS

Universidade do Estado da Bahia - UNEB/ Audiscurso

JANAINA DE JESUS SANTOS

Universidade do Estado da Bahia - PPGELS/UNEB/Audiscurso

### Resumo

No estudo em questão, buscamos compreender a produção do corpo do sujeito mulher negra no cenário atual, tendo como objetos de pesquisa o filme *Azali* (direção de Kwabena Gyanash, Gana, 2018, 1h29min) e dois enunciados publicitários na rede social *Twitter* (2011, 2017). Para tanto, inicialmente, vamos analisar como o corpo da mulher negra é mostrado nessas mídias e entender a produção de sentido de inferioridade desses sujeitos. Assim, vamos nos debruçar nos pressupostos teórico-metodológicos de Foucault (2007a, 2007b, 2001), Veiga-Neto (1996) e Fernandes (2005) sobre discurso e enunciado; bem como em Almeida (2019), Davis (2016) e hooks (2013) com as noções de racismo, raça e gênero. Para a análise discursiva, foram selecionados enunciados significativos, por meio do procedimento de recorte de elementos de cenas do filme e de anúncios publicitários, destacando o posicionamento da câmera, plano e composição. Quando o corpo da mulher negra é mostrado nos enunciados midiáticos, ele é constituído por discursos que limitam e determinam suas ações. Além disso, esses discursos (re)produzidos historicamente reforçam estereótipos e a marginalização da mulher negra. Concluimos que o corpo negro é produzido por discursos hegemônicos que materializam as relações de poder, invisibilizam e subalternizam a identidade negra na sociedade.

**Palavras-chave:** Mulher negra; Corpo; Identidade; Mídia.

### Abstract

In the study in question, we seek to understand the production of the body of the black woman subject in the current scenario, having as research objects the film *Azali* (directed by Kwabena Gyanash, Ghana, 2018, 1h29min) and two advertising statements on the social network *Twitter* (2011, 2017). To do so, initially, we will analyze how the black woman's body is shown in these media and understand the production of a sense of inferiority in these subjects. Therefore, we will look at the theoretical-methodological assumptions of Foucault (2007a, 2007b, 2001), Veiga-Neto (1996) and Fernandes (2005) about discourse and utterance; as well as in Almeida (2019), Davis (2016) and hooks (2013) with the notions of racism, race and gender. For the discursive analysis, significant statements were selected, through the procedure of cutting elements from film scenes and advertisements, highlighting the positioning of the camera, shot and composition. When the black woman's body is shown in media statements, it is constituted by discourses that limit and determine her actions. Furthermore, these historically (re)produced discourses reinforce stereotypes and the marginalization of black women. We conclude that the black body is produced by hegemonic discourses that materialize power relations, making black identity invisible and subordinate in society.

**Keywords:** Black woman; Body; Identity; Media.

## Introdução

A população brasileira é composta por diferentes povos étnico-raciais, dos quais destacamos os afrodescendentes. Historicamente, discursos hegemônicos os inferiorizam e são (re)produzidos e propagados em enunciados, desde o período colonialista. Entendemos que quando se trata de gênero, especialmente a mulher negra, esses discursos são (re)produzidos com maior resistência à mudança. Buscando uma análise mais aprofundada, visamos compreender a produção do corpo do sujeito mulher negra no cenário atual, tendo como objetos de pesquisa o filme *Azali* (direção de Kwabena Gyanash, Gana, 2018, 1h29min) e dois enunciados publicados na rede social *Twitter*. Para tanto, elencamos dois objetivos específicos, a saber: analisar como o sujeito mulher negra aparece no filme *Azali* (2018) e examinar os diferentes discursos entorno do corpo negro que é exposto nos anúncios publicitários.

Diante disso, nosso estudo quer compreender a linguagem audiovisual e a imagética, que cristalizam sentidos repetidos como legado histórico. Por meio das narrativas reverberadas socialmente que o corpo negro tem sido alvo de discriminação marcada nas mídias através de enunciados verbais, imagéticos e multimodais. Sair desse lugar de repetição faz com que esses sujeitos possam ampliar os horizontes identitários.

Primeiramente, ressaltamos que o corpo da mulher negra é uma superfície de discursos e produção de subjetividade. Entretanto, na maior parte das vezes, é alvo de discursos hegemônicos que dizem o que é ser humano, ser mulher etc. Nisso, concordamos com o posicionamento de Ribeiro (2017, p. 45) ao dizer que

Mulheres negras, por exemplo, possuem uma situação em que as possibilidades são ainda menores – materialidade! – e, sendo assim, nada mais ético do que pensar em saídas emancipatórias para isso, lutar para que elas possam ter direito a voz e melhores condições. Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a resignificação das identidades, sejam de raça, gênero, classe para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica.

Os discursos hegemônicos sobre raça, gênero e classe têm servido para limitar o lugar social, especialmente das mulheres negras. Diante de discursos que predizem suas capacidades e possibilidades, suas práticas de resistências têm direcionado para melhores condições materiais e culturais, como via de emancipação.

Entretanto, ainda há muito o que mudar em termos dos discursos que circulam principalmente nas mídias. Borges (2012, p. 36) adverte que “[...]se levarmos em consideração

que as mídias formam/ produzem opiniões, e não somente informam/ reproduzem (sobre) fatos[...]”, percebemos que ainda resistem imagens de cunho colonialista e as imagens positivas desses sujeitos aparecem com menos destaque e frequência.

Nesse âmbito, destacamos o cinema como superfície de visibilidade da constituição do corpo negro e de circulação de sentidos cristalizados e aceitos socialmente. As imagens cinematográficas possibilitam interpretações de como esses corpos são mostrados, sensibilizando quem observa, projetando um reflexo de identificação quer seja com a câmera, quer seja pelo que é mostrado (Nogueira, 2010).

Na perspectiva de pensar a noção de corpo, principalmente da produção sobre o corpo da mulher preta e sua subjetividade, esta pesquisa reuni aspectos que norteiam as experiências das mulheres enquanto vítimas de marcas hierárquicas coloniais, que produzem lesões físicas e psicológicas, sendo desafiadas cotidianamente a lutar pela sobrevivência e resistindo a diversos abusos.

O filme retrata o drama vivido pela personagem principal, Amina, uma menina de 14 anos que sai de casa para escapar de um casamento arranjado pela família, mas acaba presa no pesadelo da prostituição e da pobreza em Acra. Amina, negra, residente em Zebilla, pertencente a região ganesa, encara a dura realidade de morar em um lugar pobre, onde a miséria predomina. Assim, não tão somente pertence a uma classe marginalizada, mas atrela-se a noção de raça e de gênero: por ser mulher negra, a protagonista experimenta das mais variadas formas de segregação possível, desde a social, espacial e a familiar. Assim, o objeto produzido em Gana traz consigo uma denúncia de violação da identidade do povo negro, que também se repete na população afro-brasileira, que, lamentavelmente, desde os tempos coloniais enfrenta os mesmos entraves. Nisso, é preciso não tão somente discutir, mas conhecer para que os discursos em circulação não determinem limites para o horizonte identitário da mulher preta enquanto sujeito, isto é, existe a necessidade de práticas de resistência para autodefinir, refutando o olhar do colonizador para além do que é sabido, produzido sobre os corpos (Ribeiro, 2017).

No próximo tópico trataremos do embasamento teórico que consolida o estudo, bem como especificamos as noções que a pesquisa mobiliza; em seguida, discorreremos sobre o percurso metodológico; após, analisamos como o corpo da mulher negra é mostrado nessas mídias e a produção de sentidos no cinema e nos anúncios publicitários; por fim, passamos às considerações.

## Mulher negra e racismo

No horizonte dos estudos discursivos foucaultianos, começaremos por abordar discurso, pois tratando da produção de sentidos sobre o corpo da mulher negra vem acompanhado de narrativas discursivas que relegam o corpo de sujeitos a situações de marginalidade, exclusivamente, devido à cor da pele. Nesse sentido, o filósofo Michel Foucault (2007b) entende os discursos como objeto das relações de poder:

Um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização: um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (Foucault, 2007a, p. 139).

Ainda nessa linha de pensamento, os discursos produzem sujeitos entrelaçados com as relações de poder (Foucault, 2006), que delimitam o curso da vida de homens e mulheres, se constituem como sentença de sua existência histórica. Então, na sociedade tecida por discursos, os enunciados ganham visibilidade quando partem de grupos hegemônicos, capazes de estabelecer ordens sobre corpos e silenciar vozes. Concordamos com o filósofo ao dizer que “um enunciado pertence a uma formação discursiva” (Foucault, 2007a, p. 135), já que os valores sociais, culturais e morais de grupos hierarquicamente superiores determinam os enunciados que serão produzidos e circularão nas diversas mídias. Assim, pode-se dizer, que os enunciados nas mídias de maior circulação são produzidos por discursos hegemônicos.

Dessa forma, diante da redução do horizonte identitário do sujeito negro, a partir de Fernandes (2005, p. 17), percebemos que “os discursos devem ser pensados em seus processos histórico-sociais de constituição”, os discursos hegemônicos são produzidos como tal em relações de poder. Assim, os sentidos produzidos sobre o corpo negro têm as condições de possibilidade de emergir e de propagar, a exemplo dos estereótipos do negro bandido e da negra “boa de cama”. Então, consideramos com Veiga-Neto (1996, p. 18) que “nossos pensamentos estão conformados pelos discursos que nos cruzam desde sempre”, de modo que sentidos são cristalizados e produzem estereótipos, olhares discriminatórios e preconceituosos sobre os corpos negros. Não é diferente no campo midiático, que corrobora para a propagação de discursos, especialmente os hegemônicos, de modo que tais sujeitos sejam vistos com inferioridade em enunciados.

O filósofo e jurista Silvio Almeida (2019), em *Racismo Estrutural*, explica que o racismo implica na não ocupação de espaços hierarquicamente superiores por sujeitos negros.

Nesse contexto, o autor aponta para as relações de poder estruturais, que geram estereótipos, discriminação e preconceito raciais. Almeida (2019, p. 37) assevera a importância do fator raça, pois “em um mundo em que a raça define a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução das grandes mazelas do mundo”.

Considerando a produção do corpo da mulher negra, tratamos de mulheres, raça e classe a partir da feminista Ângela Davis (2016). Pensamos a noção de gênero como naturalização de discursos que moldam o papel da mulher negra na sociedade, cuja liberdade se ausenta do presente. A autora enfatiza a forma emblemática que os corpos das mulheres negras estão submetidos, advindo da cultura colonialista e aponta para o não conformismo desses sujeitos diante de tais práticas.

Tratar da mulher negra enquanto sujeito é necessário para que ela deixe de ser objeto (hooks, 2013), podendo desassociar valores que são impostos e compreender seu papel mediante as lutas de resistência. Dessa forma, ela evoca para a busca da emancipação da identidade negra como sujeito, para romper com as barreiras, sejam raciais, sexuais, de gênero ou classe.

Na próxima seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos de nosso estudo, expondo o “caminho” percorrido pela pesquisa para alcançar nossos resultados.

1725

### **Percurso metodológico**

Para realização da pesquisa, o arquivo foi composto por enunciados imagéticos, verbais e multimodais, considerados em sua especificidade composicional. Inicialmente, pensando o filme *Azali* (direção de Kwabena Gyanash, Gana, 2018) como um lugar de disputas de identidades, onde estão em jogo as questões étnico-raciais. Trata-se de uma produção que evidencia verdades relegadas ao povo negro, principalmente, a mulher negra. Usando a mídia como lugar de propagação, nos permite problematizar quais são os discursos produzidos sobre o corpo da mulher negra na atualidade, onde estão em pauta não somente gênero, mas também raça e classe.

O estudo de cunho teórico-analítico ganha caráter qualitativo à medida que buscamos situar os sentidos presentes nos discursos, assumindo o método arqueogenalógico de Michel Foucault. Tratando de análise discursiva, o ponto de vista foucaultiano estabelece que:

A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. Não se busca, sob o que está manifesto, a conversa semi-silenciosa de um outro discurso: deve-se mostrar por que não poderia ser outro, como exclui qualquer outro, como ocupa, no meio dos outros e relacionado a eles, um lugar que nenhum outro poderia ocupar. (Foucault, 2007<sup>a</sup>, p. 31).

Quanto a isso, a partir da obra cinematográfica *Azali*, fizemos a seleção de três recortes, selecionados pelo critério de maior exposição corporal do sujeito mulher negra em suas performances por resistência e constituição enquanto sujeito. Em diálogo com esses enunciados, foram escolhidos dois enunciados publicados no *Twitter*, que expuseram o corpo negro.

Assumimos os preceitos de Foucault (2007<sup>a</sup>, p. 90) sobre enunciado:

À primeira vista, o enunciado aparece como um elemento último, indecomponível, suscetível de ser isolado em si mesmo e capaz de entrar em um jogo de relações com outros elementos semelhantes a ele; como um ponto sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos; como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo do discurso.

O enunciado é a materialidade de discursos, que pode ser verbal, imagético ou multimodal. É fundamental ir além da superfície do que é mostrado, explorando as materialidades imagéticas e verbais que se encontram nas mídias, sondando os sentidos historicamente produzidos. Buscamos elementos significativos presentes no enunciado, mas que podem não ser óbvios, principalmente para a exploração efêmera de leituras apressadas ou para a suavidade das leituras de deleite.

Portanto, buscamos fazer uma análise discursiva de maneira minuciosa na busca de produção de sentidos da identidade da mulher negra, em sua existência histórica.

### **Produção cinematográfica do corpo da mulher negra nos enunciados**

O objeto de estudo *Azali* (2018) traz a história da protagonista Amina no cenário com de outras mulheres negras, que compartilham situações cotidianas que as sentenciam a vários tipos de exploração. Convivem com a certeza que não estão vivendo, mas sobrevivendo como vítimas de relações de poder que lhes tolgem direitos e escolhas. Impedidas de decidirem sobre sua história, silenciadas sobre sua existência, seus sofrimentos e seus laços identitários, essas

mulheres foram produzidas por discursos colonialistas, tanto nos relatos históricos como nas mídias.

Seguimos apresentando os recortes por meio de fotogramas, para representar as cenas selecionadas do filme. A figura abaixo acontece no município de Zebilla, onde Amina e seus familiares moram. O ambiente é abalado pela despedida de Amina que, mesmo contra sua vontade, precisa sair de casa para fugir de um casamento arranjado, pois, o amigo de seu pai, Alhaji Dauda, assediava constantemente a jovem para que se tornasse sua quarta esposa:

**Figura 1: Identidade violada**



Fonte: Fotograma capturado diretamente do filme *Azali* (2018)

A cena mostra em primeiro plano a personagem principal junto com sua mãe e sua avó ao fundo. A câmera posicionada em ângulo horizontal permite focalizar os traços físicos das personagens e visualizar suas expressões faciais. A composição do quadro, mostra com maior visibilidade e exposição do corpo da jovem, indicando que ela é a esperança das gerações anteriores. Ela está posicionada no centro do quadro, como ponto equidistante entre a mãe e a avó. O enunciado retrata uma escolha difícil tomada pela mãe de Amina, sob forte pressão de suas amigas e da própria avó em concedê-la a um casamento forçado, então, ela decide entregar a filha para um grupo que dizia cuidar bem da menina e possibilitar-lhe melhor oportunidade na cidade grande. Na verdade, o grupo faz contrabando de crianças, fazendo com que a protagonista tenha um destino bem diferente. O desejo de Rukaya, a mãe, é que Amina tivesse melhor condição de vida com emprego, comida e bom estudo. Tinha esperança de que, longe do lugar inóspito que moravam, Amina fosse mais feliz, teria uma chance de sair da pobreza. Porém, a protagonista mais adiante experimenta situações desafiadoras, enfrenta o medo, a

solidão, a fome e a própria rejeição. Portanto, a imagem mostra a jovem entre dois destinos: o casamento arranjado ou o sonho de uma vida digna.

Em sua partida, notamos que as faces das personagens estão expostas, enquanto o restante do corpo está encoberto. Essa forma de se vestir é uma característica típica da cultura muçulmana, a relação dessas mulheres com a religião reforça suas crenças, bem como sua espiritualidade. A constituição ideológica de suas culturas atravessa a relação de gênero, raça e classe. E desse modo “[...] as religiões espelham sua ordem de valores, que reproduzem em seu discurso, sob o manto da revelação divina” (Rosado-Nunes, 2005, p. 363-364). A presença dessas mulheres nas práticas religiosas possibilita uma construção social e cultural, mas nem sempre os discursos produzidos as permitem escolhas.

Os rostos focalizados revelam-se em expressões: Amina com olhar inclinado para baixo, um semblante de tristeza e insatisfação. As vozes foram da família e conhecidos que falaram, silenciando seu desejo e sua fala. O olhar angustiado da mãe, ao fundo, no canto esquerdo, confirma a incerteza da escolha feita, buscando o apoio da avó, que a deixa partir sem resistir. Ela olha fixamente para a neta no intuito de recordar da despedida, já que não era o destino que queria para Amina - e sim que casasse com o pretendente a ela proposto.

Na busca por elementos significativos, observamos o cenário que emoldura as mulheres: moradias simples feitas manualmente de barro e cobertas por palhas revela a situação socioeconômica daquelas mulheres que vivem em um espaço segregado da sociedade do consumo. O único verde da imagem, são acácias, árvores africanas nativas da região que em contraste com as moradias revela a utilização dos recursos naturais da região ganesa para sua subsistência e sobrevivência familiar. Por isso, nas relações de poder (Foucault, 2006), tomam decisões que afligem e invalidam seus corpos e as deixam sob forças opressoras que as hierarquizam historicamente.

Desse ponto, as relações sociais, políticas, econômicas, culturais e ideológicas produzem e são produzidos pelos discursos do racismo, assim como os sujeitos negros. A falta da representatividade negra nos diversos espaços de decisão faz com que discursos hegemônicos, que não referenciam corpos negros e ascensão social, circulem em enunciados midiáticos. Igualmente, o audiovisual mostra essas narrativas. Assim como os discursos hegemônicos exercem poder, há de se fazer resistência a discursos que não representam o povo negro, determinam seus valores identitários e desvalorizam suas raízes.

Partimos para a próxima cena que ocorre na cidade de Acra, capital de Gana, à margem do centro urbano, para onde Amina foge e trabalha de carregadora na feira para sobreviver, como podemos ver no fotograma abaixo:

**Figura 2: Racismo estrutural**



Fonte: Fotograma capturado diretamente do filme *Azali* (2018)

A posição da câmera que se encontra na horizontal, capturou ao centro da cena uma mulher negra de costas, abaixada, com o filho nas costas. Seguindo a gramática do cinema, percebemos que o enquadramento “[...] se organiza, geralmente, em função de um ponto nevrálgico: o centro da imagem” (Nogueira, 2010, p. 51) – neste caso o sujeito Amina. O fotograma capturado do filme mostra mulheres pretas trabalhando como carregadoras de mercadorias nas ruas da cidade. Elas são muitas e disputam os clientes, assim como disputam espaço no quadro do filme. Destacamos que o espaço que lhes restou foi a periferia, já que o centro é ocupado por aquilo que deve ser visto e desejado pela sociedade, tecido pelos discursos hegemônicos. Concordamos que “esses discursos atravessaram vidas; essas existências foram efetivamente riscadas e perdidas nessas palavras” (Foucault, 2006, p. 207). Ou seja, a história oficial apaga a existência das mulheres negras ou as relega a personagens sem nome ou sem feitos.

A figura retrata justamente o que Almeida (2019) aponta, que o racismo concebe vida desigualitária, de modo que atos violentos se (re)produzem também no trabalho árduo destinado para as mulheres pretas e nas situações cotidianas que elas enfrentam. Dessa forma, além de disseminar produções de narrativas que excluem corpos negros em espaços liderados por brancos, ainda intersecciona os mesmos sujeitos de modo estrutural.

A mulher, de maneira singular, está susceptível para o sexismo. Isso ganha mais profundidade para as mulheres negras, que além de sofrer desigualdade social, ainda são vítimas de estereótipos constituídos por discursos que determinam o valor de seu corpo e onde devem

estar. Os sentidos da cena apontam que corpos negros são explorados pelo trabalho subalterno, não recebendo pagamento suficiente para se manterem. Por isso, concordamos com Ângela Davis (2016, p. 17) quando ela assevera que:

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras.

Diante da percepção de Davis, fica evidente o quanto as marcas da colonização estão presentes na atualidade. Visto que, os corpos das mulheres negras estão associados a trabalhos de menor prestígio social, a exemplo de atividades domésticas, reproduzindo um modelo padronizado e estereotipados. Isso mostra o quanto os discursos racistas tecem a sociedade, sem ancorarem em um tempo ou lugar específicos. Ou nas palavras de Veiga-Neto (1996, p. 55), “os discursos não estão ancorados ultimamente em nenhum lugar, mas se distribuem difusamente pelo tecido social, de modo a marcar o pensamento de cada época, em cada lugar[...]”.

A próxima cena acontece quando Amina é assediada pelo traficante que comandava a região onde ela morava, como vemos na imagem:

1730

**Figura 3: Corpo explorado**



Fonte: Fotograma capturado diretamente do filme *Azali* (2018)

O fotograma mostra dois corpos negros disputando a tela. Amina busca ressignificar sua vida, romper com os padrões comportamentais impostos a ela. Enquanto o sujeito homem negro vive na liderança de um grupo majoritário, sem perspectiva de mudança. E nesse estilo de vida, se posiciona como sujeito revestido de autoridade para alterar o curso de outras vidas. O enunciado acima é composto pelo primeiro plano, a câmera focaliza os rostos dos personagens,

por meio do plano detalhe, um convite que a câmera faz para o espectador visualizar melhor as expressões faciais e até experienciar seus sentimentos. Nos termos de Nogueira (2010, p. 1):

Um plano tem sempre uma justificação, mesmo que esta seja aparentemente oculta. Ele resulta de uma ou várias escolhas, mesmo se inconscientes. Se se trata de uma obra narrativa, convém conhecer os momentos decisivos da história, perceber a importância da clareza e da continuidade do discurso, entender a relevância dramática de uma imagem.

A partir do pensamento de Nogueira, percebemos que em um único plano podem ser agrupados vários elementos que fazem parte dos sujeitos mostrados. Nisso, se insere em uma existência histórica: a questão étnico-racial, os discursos e as narrativas sociais em favor do corpo negro, o lugar social, as práticas dos corpos e até mesmo, a concepção de gênero. Com isso, alguns elementos do plano são visíveis na imagem, mas outros são presumidos. É, pois, no que é mostrado que são revelados discursos que constituem as identidades dos sujeitos.

Por isso, quando a câmera captura os sujeitos negros no primeiro plano, permite-lhes a visualização principal, em tamanho maior que o natural. A cor branca ao fundo revela clareza para que os corpos e a cena ganhem contraste e alguma leveza.

Diante disso, o enunciado mostra a protagonista intimidada pelo agressor, seu olhar inclinado para baixo impossibilita um contato visual direto com a câmera. O corpo posicionado retraído é a resposta instantânea de quem está constrangida. Percebe-se que ela teme, mas não é temida. Ela é olhada, entretanto, não olha. Levando em consideração esses aspectos, é visto que ela sofre a força do poder. O agressor foi investido de discursos que o autorizaram a ir contra o corpo da vítima; bem como as fragilidades de Amina impossibilitou resistência diante da ação do violentador. A cabeça e o olhar direcionados para baixo sinalizam sua imagem de si e sua condição socioeconômica vulnerável, por ser mulher, negra, sem emprego, sem casa, sem amigos, longe de casa etc. Trata-se de um padrão assumido pela personagem em todo enredo do filme. O traço melancólico carregado em seu rosto dissemina resquícios de inferiorização do sujeito enquanto mulher negra, mais propensa a sofrer situações violentas se comparado com as brancas.<sup>1</sup>

Neste sentido, concordamos com a feminista Davis (2016, p. 20), quando se posiciona da seguinte forma

---

<sup>1</sup> De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), no cenário atual, estima-se que no Brasil ocorre cerca de 822 mil estupros por ano. Enquanto dados postados no site *terra* em 2021, aponta que das vítimas 52,2% são mulheres negras e 46,9% são mulheres brancas.

Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras.

A prática de sexualização do corpo negro é histórica e ainda persiste. A prática típica do colonizador de submissão da mulher negra, apoderando-se do corpo negro de todas as formas possíveis, tanto para o trabalho quanto para a satisfação sexual e repreensão enquanto sendo posse.

Lamentavelmente, o período da escravidão propiciou a ideia da mestiçagem racial, o pensamento de estar formando a identidade do povo brasileiro. Contudo, foi pano de fundo para práticas de estupro cometidas contra as pretas. As barbáries que elas estavam sujeitas denegriam a imagem e identidade dessas mulheres, desrespeitando sua dignidade humana. Nesse ínterim, Davis (2016) enfatiza que na cultura escravocrata os corpos das mulheres pretas estavam sujeitos a ações violentas e estupro, tendo suas identidades subalternizada e, até mesmo, aniquiladas.

Para Foucault (2006, p. 207), esses sujeitos comuns são vidas reais, que em poucas palavras não foram esquecidas devido a relação de poder que tiveram. Assim sendo, “todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros”. Dado isso, como herança do colonialismo, o corpo de mulheres negras ainda é visto como inferior, que pode ser alvo de violências, inclusive a sexual.

1732

### **Produção discursiva do corpo negro em anúncios publicitários**

Neste segundo momento analítico, trataremos enunciados de propagandas atuais com a finalidade de confirmar a produção identitária da mulher negra. Isso porque o padrão de beleza aceitável na sociedade possui características da cultura branca, que além dos traços físicos é classificada devido a cor da pele que “[...]discrimina melhor o grupo *branco*, ou seja, o distingue de todas as outras cores sem os riscos de confusão possibilitados pelo embranquecimento” (Guimarães, 2011, p. 268).

Dessa forma, as propagandas que circulam na mídia dão visibilidade a discursos racistas disseminados na sociedade. A participação da mulher negra em anúncios publicitários ainda é minoritária e, quando se faz presente, lhe é destinado um papel marginal e/ou estereotipado.

As propagandas analisadas são dos anos 2011 e 2017 no *Twitter* - foram vistas em escala mundial por muitos usuários da rede. A primeira é o anúncio publicitário da cerveja Laurentina, extraído da página do *Twitter* @portalvermelho:

Figura 4: Cerveja Laurentina



1733

Fonte: *Twitter* @portalvermelho. Disponível em: <https://twitter.com/portalvermelho>.

O enunciado mostra um corpo feminino negro sem face, no centro, e, na parte inferior, a garrafa da cerveja Laurentina. Ambas são marrons e ambas têm o rótulo do produto. Ela tem as curvas do corpo padrão que é socialmente belo e desejado, e fica estabelecido que não interessa o rosto – apenas o corpo é atrativo para consumir. É um corpo disponível, sem barreiras para ser tomado, usado, nem os braços se colocam na frente ou ao redor. Corpo disponível para o desejo como um corpo escravizado. Trata-se de um corpo trabalhado pela hipersexualidade, sexualmente atrativo, trajando a logomarca do produto.

A publicação afirma: “*Esta preta foi de boa para melhor, agora com uma garrafa mais sexy*”. O enunciado maior pode ser decomposto em enunciados menores, destacando “Esta preta” e “sexy”: o primeiro, faz um trocadilho, em consonância com a imagem, de modo que tem duas pretas, o corpo da mulher negra e a cerveja preta. Isso aponta para o enunciado “mulher negra boa”, que, em nossa cultura, remete a “boa de cama”, “fogososa”, sexualmente atraente. O sentido se completa pelo enunciado “sexy”, que cerca e fecha o estereótipo da mulher negra (e escravizada). Ou seja, os enunciados verbal e imagético são marcados por uma

conotação sexual em torno do corpo da mulher negra, que a partir de discursos direcionados aos corpos negros, mostra a mulher negra como a “boa de cama”, a ideal para “pegar”; em contraponto com uma mulher branca que seria a certa para se casar. São dizeres muito conhecidos e vivos e nossa sociedade, como afirma Borges (2012, p. 194):

É nessa fronteira de sentidos que se forma desde o início um dos dizeres comuns do imaginário de construção do que é ser mulher. Dizeres esses que são reatualizados em peças publicitárias, propagandas, telenovelas e outros produtos que circulam nos limites das mídias contemporâneas.

A mulher negra resiste às práticas racistas estruturais contra seu corpo, buscando desnaturalizar a linguagem audiovisual e descristalizar estereótipos. Desse modo, os discursos não discutem a questão de desigualdade de raça e de gênero, mas naturaliza o pensamento hegemônico sobre os corpos pretos. Nesse sentido, Lélia Gonzalez (2020, p. 14-15) é elucidativa ao afirmar que:

Na verdade, o grande contingente de brasileiros mestiços resultou de estupro, de violação, de manipulação sexual da escrava. Por isso, existem os preconceitos e os mitos relativos à mulher negra: de que ela é “mulher fácil”, de que é “boa de cama” (mito da mulata) etc. e tal.

Nesse viés, o lugar da mulher negra é determinado por estereótipos que estão cristalizados na sociedade. Trata-se de uma memória secular, na qual ainda se mantém hábitos antigos em que o racismo e o sexismo são naturalizados, persistindo a ideia de “[...] que os fortes e poderosos têm o direito de governar os fracos e impotentes” (hooks, 2013, p. 43).

O anúncio não mostra a face da mulher e afirma não ser importante sua identidade, quem o sujeito, já é suficiente mostrar a cor do corpo envolvido pelo rótulo. Então, perde-se a subjetividade, tornando-a um mero objeto de consumo.

A próxima propaganda circulou na página do *Twitter* @TaGravadoBrasil. A postagem ocorreu após o comentário de Habeeb Akande (6:26, out, 2017) na página dele sobre a propaganda publicitária de uma loção hidratante da marca Dove, que teve grande repercussão na mídia, como podemos visualizar a figura a seguir:

Figura 5: Propaganda Dove



Fonte: *Twitter* @TaGravadoBrasil. Disponível em: <https://twitter.com/TaGravadoBrasil>.

O comentário abaixo da imagem feito por Habeeb Akande, diz o seguinte em tradução livre: “Dove se desculpou por anúncio ‘racista’ no Facebook mostrando uma mulher negra ficando branca depois de usar a loção @Dove”. A sequência das imagens mostra quatro quadros, em que a mulher negra retira a blusa marrom e termina branca e com blusa branca. Os sentidos produzidos apontam que a loção é capaz de clarear a pele, e não somente ser um hidratante. Diante disso, voltamos nosso olhar para a concepção de Almeida (2019, p. 28)

[...]o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade.

O enunciado reforça a pretensa superioridade de raça, pois a mulher negra representa um estado anterior, o “antes” de usar o produto anunciado; enquanto a mulher branca é o “depois”, a versão melhorada, “evoluída”, estabelecendo uma hierarquia entre os corpos negro e branco, sendo o último a versão melhorada e desejada pela consumidora. Além disso, os discursos racistas fazem com que outras mulheres pretas sejam alcançadas por discursos de marginalização, aparecendo no enunciado midiático uma representatividade que está em posição subalterna.

Quando Borges (2012) afirma que o corpo da mulher negra é como um território, faz-se presente uma memória escravocrata em que a negra tinha o corpo regrado de todas as formas possíveis. Tal posicionamento converge com aquele de Gonzalez (2020, p. 36) ao afirmar que

“aqui também se percebe a necessidade de tirar de cena a questão crucial: a libertação da mulher branca tem sido feita às custas da exploração da mulher negra”. A autora, ainda, argumenta que é uma manipulação de gênero e etnicidade “na medida em que racismo, enquanto discurso, se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito”.

### Considerações Finais

O estudo pesquisou a produção discursiva do corpo da mulher negra, tendo como objetos de estudo cenas do filme *Azali* e os enunciados publicitários da cerveja Laurentina Preta e do hidratante Dove, por meio da análise dos enunciados audiovisual, verbal e imagético, com base nos estudos discursivos foucaultianos e estudos culturais. A partir do *corpus* analisado, entendemos a produção de sentidos de inferioridade, que constitui historicamente o sujeito mulher negra, relegando a esse sujeito papéis subalternos e pouco remunerados. Esse corpo negro é colocado como aquele que deve se adequar a padrões de beleza brancos disseminados historicamente por discursos hegemônicos; ao mesmo tempo, os traços que são ditos como fora do padrão da mulher bela, alguns são selecionados para a hipersexualização da mulher negra, como as formas curvilíneas.

Assim, observamos que os discursos produzidos na mídia estão alicerçados na história em dimensão global no que diz respeito ao tratamento destinados a identidade negra. Também, os discursos presentes nas estruturas sociais propiciaram disseminar práticas segregadoras que vitimizam os sujeitos de cor até a atualidade. Dessa forma, nas mídias hegemônicas, o sujeito mulher negra é alvo de sexismo, preconceito, discriminação, racismo e banalizações que limitam seus horizontes identitários a papéis marginalizados.

A sociedade ainda (re)produz práticas racistas que excluem os sujeitos negros e suas contribuições. Além de não terem representatividade nos lugares de decisão, são silenciados ou subalternizados quando representados. Os discursos que circulam na mídia representam o macrocosmo social e suas relações de poder, por meio da repetição de práticas do colonizador e reforçam uma memória dolorosa dos corpos negros. Ressaltamos que nosso objeto de estudo trata de fatos ficcionais, mas também denuncia uma realidade que é vivenciada pela negritude na luta pela sobrevivência, quer seja em África ou nas Américas.

Portanto, destacamos a necessidade de pautas dos povos negros ingressarem nas agendas das políticas públicas, com ênfase na educação, para além da Lei n. 10639/2003. No

mundo em que as mídias são centrais na formação de opinião pública, a circulação de corpos negros e não-brancos e brancos ocuparem papéis diversificados abre horizontes outros de sentidos de si e do mundo. Igualmente, práticas educativas são destaque para que haja engajamento público por brancos e não brancos na luta contra o racismo, preconceito e discriminação racial.

Concluimos que a ordem discursiva controla de maneira padronizada por meio dos marcadores de gênero, classe e raça. Ela tem como aliadas as mídias que estabelecem o lugar dos sujeitos e determinam seu horizonte identitário. A representatividade de corpos negros em lugares que se desloquem dos estereótipos ainda é uma resistência a se fazer diante dos discursos hegemônicos.

### Referências:

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.  
AZALI. Direção de Kwabena Gyansah. Gana: Ananse Entertainment, 2018. 1 DVD (92 min.). Disponível na Netflix.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 26 maio 2023.

BRASIL. **Brasil tem cerca de 822 mil casos de estupro a cada ano, dois por minuto, 2023**. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13541-brasil-tem-cerca-de-822-mil-casos-de-estupro-a-cada-ano-doisporminuto#:~:text=Neste%20cen%C3%A1rio%2C%20a%20estimativa%20de,o%20universo%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20brasileira>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DA SILVA BORGES, Roberto Carlos; DA SILVA BORGES, Rosane (Ed.). **Mídia e racismo**. ABPN, 2012.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2007b.

FOUCAULT, Michel. **A Vida dos Homens Infames**. In: FOUCAULT, M. Estratégia, Poder-Saber. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (p. 203-222).

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Marcia Lima. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2020. Disponível em: <https://ppgs.uff.br/wp-content/uploads/sites/563/2022/08/Gonzales-2020.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2023.

GREGOLIN, Maria do Rosário. V. **Foucault e Pêcheux na Análise do discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Raça, cor, cor da pele e etnia. **Cadernos de Campo** v. 20, n. 20, p. 265-271, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/download/36801/39523>>. Acesso em: 08 set. 2023.

GUIMARÃES, Juca. Brasil tem sete estupros por hora; mulheres negras são as principais vítimas. Terra, 2022. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/nos/brasil-tem-sete-estuprosporhoramulheresnegrassaoasprincipaisvitas,a945775b6bcf75c5a8d4a08bd4aa1e9dcx44vdyq.html>>. Acesso em: 07 ago. 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de cinema III: Planificação e Montagem**. Covilhã: Livros LabCom, 2010.

PORTAL VERMELHO. Publicado em 16, set, 2011. Twitter: @portalvermelho. Disponível em: <https://twitter.com/portalvermelho>. Acesso em: 22 fev. 2023.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala?. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2017.  
ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e religião. Revista Estudos Feministas, v. 13, p. 363-365, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200009>. Acesso em: 25 maio. 2023.

TÁ GRAVADO BRASIL. Publicado em 9, out, 2017. Twitter: @tágravadoBrasil. Disponível em: <https://twitter.com/TaGravadoBrasil>. Acesso em: 22 fev. 2023.

VEIGA-NETO, Alfredo José da. A ordem das disciplinas. Tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Porto Alegre, 1996.

Autor 1:



Adeuma Silva Dias  
Graduanda em História pela Universidade do Estado da Bahia, DCH VI/UNEB e Administração pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera. Voluntária de IC/Edital 2022 pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia- Fapesb.  
Email: [adeumasilva21@gmail.com](mailto:adeumasilva21@gmail.com)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3751443861219385>.  
Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6677-8990>

Autor 2:



Janaina de Jesus Santos

Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, DCH VI/UNEB, líder do Laboratório de Estudos do Audiovisual e do Discurso - AUDiscurso/UNEB, atua no Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade- PPGEL e no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL/UESB.

Email: [jj santos@uneb.br](mailto:jj santos@uneb.br)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4544276128135109>.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8888-6592>.